

FERNANDO OSORIO DO CAMPO: O DISCRETO COLABORADOR DE BERNARDINO MACHADO NO SEU EXÍLIO CORUNHÊS DE 1927

Carlos-Caetano Biscainho-Fernandes

Universidade da Corunha. Grupo ILLA

1. O EXÍLIO NA CORUNHA DE BERNARDINO MACHADO

Após a baldada revolta de fevereiro de 1927 contra a Ditadura Militar instaurada em Portugal pela sublevação no ano anterior, desde o governo militarista luso foi dada ordem de exílio para o resignado presidente da República. Como outros exilados políticos portugueses, Bernardino Machado escolheu a Galiza. Nos meses prévios à chegada do presidente – que aportou a Vigo em 25 de fevereiro – constituía-se nesta cidade um ativo núcleo de emigrados políticos portugueses e lançaram-se os fundamentos da Liga de Defesa da República ou Liga de Paris¹ (Pereira, 2013, p. 70-71).

Porém, na madrugada do último dia do mês de março desse ano o doutor Machado transfere residência para a

¹ “A fundação da Liga de defesa da República ficou a dever-se à iniciativa de quatro oficiais de revolta do Porto, que se refugiaram na Galiza. Aí definiram eles as bases programáticas da futura associação. Corria então, ainda, o mês de Fevereiro. Todavia, depois de terem estanciado aí uns dias, esses militares mudaram-se para Paris. Em 12 de Março já estavam lá. Na capital francesa se fixou definitivamente. Por isso a alcunha de ‘Liga de Paris’” (Costa, 1990, p. 1).

Corunha. Embora o novo cônsul luso nesta cidade referisse que a mudança de residência era motivada por motivos de saúde – “pues los médicos le han recomendado el clima de La Coruña” (*El Pueblo Gallego*, 30 de março de 1927) –, por detrás da sua saída de Vigo estava, em boa verdade, o facto de o Governo português exigir à ditadura de Primo de Rivera o internamento dos opositores exilados a mais de 100 quilómetros da fronteira.

Esta providência veio reforçar o grupo herculino da embrionária Liga de Defesa da República, que resolveu enviar o capitão Jaime de Morais para oferecer o apoio dos exilados corunheses às ações conspirativas da “reviralista” Liga de Oficiais Republicanos². As autoridades ditatoriais portuguesas premuniram os manejos de Morais, e, em vista disso, desvelaram-se as operações concebidas na Corunha e foi malograda qualquer manobra conspirativa conjunta. Diante dessa situação, em agosto, Bernardino Machado determinou encaminhar-se para França.

2. A RECEÇÃO DE MACHADO NA CIDADE

Nesta estada de quatro meses, o presidente foi acolhido na Corunha pela resistência republicana portuguesa sediada na cidade, bem como pelos círculos republicanos galegos – à frente dos quais se colocaram Gerardo Abad Conde, Santiago Casares Quiroga e o presidente da Câmara Municipal, Manuel

² Também conhecida como União Militar Republicana, estava chefiada “pelo destacado militar ‘reviralista’ tenente-coronel António Germano Guedes Ribeiro de Carvalho, natural de Chaves e vitorioso defensor daquela cidade raioita durante as incursões monárquicas dos ‘paivantes’ campados em Vila Verde da Raia correndo o ano 1912” (Pereira, 2013, p. 71-72).

Casás Fernández – e, também, por vultos da reivindicação nacional galega da cidade herculina.

Como relatava o cônsul de Portugal em Montevidéu da altura – Eduardo de Carvalho – numa missiva endereçada a Machado a 19 de junho de 1927, não havia dúvida nenhuma da simpatia de certos sectores da sociedade corunhesa pelos valores republicanos, nem da vontade galega de aproximação aos vizinhos do sul:

Muito estimei o acolhimento que a Corunha fez a V. Ex.^a A Corunha é o centro galego onde temos simpatias maiores, onde o espírito republicano está mais desenvolvido. Quando por aí andei nos tempos antigos, em que os emigrados não éramos nós, notei o mesmo que V. Ex.^a agora observa e até me convenci de que, se a nossa política fosse melhor e mais feliz, a Galiza viria ter connosco (Arquivo da Fundação Mário Soares).

O acolhimento na Corunha foi caloroso desde o primeiro momento³ e a Câmara Municipal nomeou Machado hóspede de honra da cidade por proposta do seu presidente. Este último agendou ainda uma excursão para visitarem povoações próximas como Sada ou Betanços. De mais a mais, o presidente exilado teve parte na vida social da cidade – assistiu à receção do cônsul cubano na Corunha por ocasião da comemoração da proclamação da independência do país caribenho e foi

3 Elzira, uma das filhas que acompanhava o exílio de Bernardino Machado, descreveu como “ao meio do caminho [de Vigo à Corunha] vieram esperar o Papá um grupo de republicanos espanhóis que nos acompanharam em automóveis até ao hotel” (carta do espólio do bisneto Manuel, reproduzida no seu blogue <<http://manuel-bernardinomachado.blogspot.com.es/>>).

agasalhado por sociedades como o Sporting Clube, o Círculo de Artesãos ou o Casino Republicano – e foi frequente a sua presença na imprensa galega – quer por meio de entrevistas, quer com a publicação de escritos da sua autoria.

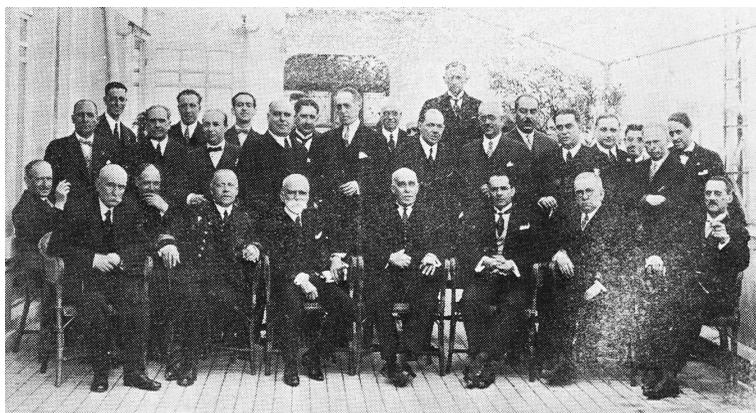


FIG. 1. “Visitó don Bernardino la mayor parte de las sociedades coruñesas donde se le hizo objeto de cariñosos agasajos y donde la agudeza de su talento juvenil, antípoda de su pergeño físico senecto, ha conquistado innúmeras simpatías. Recibió muestras de consideración de las personas más significadas de la ciudad que le ha conferido el título de huésped de honor” (Villar Ponte, 1927). Foto da receção do cônsul cubano na Corunha (*Galicia industrial y comercial*. Ano 1. N.º 14. mai. 1927. p. 19).

Serviram também de grande apoio para Bernardino Machado militares lusos exilados – como o capitão de Artilharia Manuel Vaz de Carvalho – e antigos representantes diplomáticos portugueses entre os quais avultaram Anthero Dias de Alte da Veiga e Carlos Adolfo da Cunha e Vasconcelos – anteriores cônsul e vice-cônsul na Corunha, nessa altura destituídos.

Como já foi assinalado, entre os republicanos hercúlinos que se preocuparam em atender Machado no seu desterro na

Corunha salientaram-se alguns membros distintos de coletivos comprometidos com a emancipação nacional galega, como António Villar Ponte, Manuel Lugrís Freire ou Álvaro Cebreiro⁴. O presidente português imprimiu neles uma profunda marca, mas com este vínculo, Machado também ficou a conhecer melhor a reivindicação nacional da Galiza e o movimento cultural e político que estavam a desenvolver. Desta maneira, o presidente luso congratulava-se pela agita-

4 Os três galeguistas iriam conservar uma agradável memória do convívio com o presidente muito tempo após a sua passagem pela Corunha. Cebreiro (1903-1956), autor de um retrato de Machado, frequentou o deposto presidente durante o seu exílio em Paris e ainda iria manter contacto epistolar com ele e com a sua filha Elzira: “Do seu Paizinho querido tenho saudades imensas, não esqueço nunca os belos passeios que com ele dei e as belas conversas que com ele teve [sic]. Longe d’ele a sua figura é mais bela ainda e longe d’ele é como mais sentimos o seu valor. Nenhum homem tem influído tanto na minha vida, só eu sei bem quando lhe devo. Para mim tem sido sempre um amigo e um mestre e eu serei sempre para ele um devoto e um amigo certo” (carta datada na Corunha a 8 de novembro de 1929, Museu Bernardino Machado). Durante a estada de Cebreiro em Paris, Lugrís pediu para ele apresentar os seus respetos a Machado: “Rogo-lhe que me faça a mercê de saudar no meu nome ao Senhor Bernardino Machado, a quem não esqueci, e por cuja felicidade fago votos de todo coração” (carta de 3 de maio de 1928, Arquivo da Real Academia Galega). Por sua vez, Villar Ponte (1881-1936), escrevia em janeiro de 1933: “Meu ilustre amigo: Não me tem d’estar obrigado pelas lembranças carinhosas que faço de VEx. É que o bom patriarca português que eu conhecim na Cruña pessoalmente, pois pelas suas obras já o tinha conhecido d’antes, não é dos que possam esquencerse. Inda ando a lembrar aquela fina atenção de VEx. interesando-se pela minha saúde quando estive doente e perto da morte. E as suas cultas e requintadas conversas connosco quando nos honraba com a sua nobre companhia pelo passeio ou no hall do Hotel. Também meus filhos, então unhas criancinhas e hoje já estudantes de 2º ensenho, lembram ao ilustre Presidente d’um Portugal que foi e voltará a ser livre. Desejando-lhe de todo coração um ano moito feliz [...]. Ao Cebreiro fixen presente seu saúdo” (Arquivo da Fundação Mário Soares).

ção cultural que encaminhavam e até pelo “sonho histórico” da Galiza a que aspiravam:

Quem trate de perto com este caroavel povo, tão inteligente e operoso, e conheça bem a brilhante plêiade de espíritos de eleição que ele tem à sua frente, não poda deixar de ver com enlevo como o seu íntimo sonho histórico se vai convertendo, cada dia mais, em ação potente. O seu avanço excede mesmo a acoleração do seu grande desenvolvimento material. A Galiza entrou resolutamente, com todos os seus belos dons nativos, no período fecundo de seu pujante renascimento (Machado, 1927).

3. UMA OUTRA DISCRETA ACOLHIDA

Houve, no entanto, mais uma rede social que se interessou pela sorte de Machado na Corunha e colaborou nos desígnios do presidente desterrado em relação à resistência à ditadura militar e à sua denúncia internacional, mas de que muito pouco se tem falado a este respeito: os círculos maçônicos.

Se não conjuntamente, a sua participação produziu-se pelo menos de maneira individual, visto que determinadas pessoas iniciadas nesta sociedade discreta de presença maciça na cidade da Corunha – designadamente aquelas que mantinham ou mantiveram um vínculo especial com Portugal – trabalharam de mãos dadas com Bernardino Machado, que, por sua vez, teve um percurso maçónico muito relevante.

Nessa altura, a maçonaria estava intensa e largamente instalada na vida pública e atravessava o dia-a-dia dos círculos, sociedades de ajuda mútua, casinos e ateneus corunheses, ao ponto de funcionar como modelo de sociabilidade. Foi focada também a importante função das lojas maçónicas no espalhamento dos valores progressistas nas vilas galegas:

fue la masonería quien vehiculó la ideología y la praxis liberal en Galicia. Más aún, fue también la masonería quien generalizó y propagó el republicanismo [...]. Ayudó, asimismo, a la penetración del socialismo doctrinario. Finalmente, añadimos nosotros, cuando se conozca en detalle la intrahistoria del nacionalismo gallego [...], nos encontraremos con más de una sorpresa al respecto. Es decir, que hoy no puede ya abordarse la interpretación de nuestra evolución política contemporánea [i.e., a galega] sin este referente (Barreiro, 1996, p. 157).

Relativamente às relações das fraternidades corunhesas com Portugal, tem de ser lembrado o facto de alguns coletivos maçónicos galegos terem procurado no século XIX obediências lusas (Valín, 2006, p. 40) e há motivos para suspeitar que certas lojas selvagens⁵ corunhesas – como a misteriosa Hércules – tinham na verdade dependência portuguesa (Vázquez Souza, 2000).

Com efeito, eram iniciados maçónicos uma parte muito importante dos galegos que se relacionaram com o presidente português durante o seu exílio na Corunha – Gerardo Abad Conde, Santiago Casares Quiroga, Manuel Lugo Freire, Ángel Casal Gosenge, Ugo Carré Alvarellos⁶... –, bem como o ex-cônsul Anthero da Veiga⁷ – um importante colaborador de Machado nesta altura na defesa da legitimidade republicana.

5 Designa-se de “selvagem” a loja maçónica que não é reconhecida por uma Grande Loja e, por conseguinte, que não tem dependência nenhuma.

6 Também Álvaro Cebreiro, interessado pela teosofia, uma corrente espiritista defensora de valores comuns com o hiramismo, como a fraternidade universal.

7 No Centro Documental de la Memoria Histórica de Salamanca (Espanha) custodiam-se uma ficha do Tribunal Especial para a Repressão da Maçonaria e do

O governo militar decretara a dissolução da maçonaria lusa e a clausura de todas as sociedades secretas – que considerava organizações criminosas. Assim sendo, os maçons portugueses também engrossavam a nomenclatura de transterrados.

4. FERNANDO OSORIO DO CAMPO,
O CÚMPLICE RECATADO

Numa das fotografias mais conhecidas da estada de Bernardino Machado na Corunha em 1927, para além das filhas Jerónima e Elzira e dos nacionalistas galegos António Villar Ponte e Álvaro Cebreiro, aparece à direita do doutor Machado um homem novo com chapéu-palheta que nunca é reconhecido. Recentes investigações (Biscainho-Fernandes, 2017) identificaram o desconhecido como Fernando Osorio do Campo (1894-1974), um ator corunhês educado em Lisboa⁸ que estivera em 1919 à frente do grande projeto teatral da Irmandade da Fala⁹ corunhesa – o Conservatório Nacional de Arte Galega (CNAG) – e que na altura trabalhava na Câmara Municipal da Corunha e exercia jornalismo nessa cidade.

Comunismo que documenta a pertença de Anthero da Veiga à loja corunhesa “Pensamento y Acción número 11” (1932-1936).

8 Fernando Osorio estudou na Escola de Arte de Representar do Conservatório de Lisboa de 1911 a 1915.

9 A Irmandade da Fala da Corunha foi fundada em 1916 como um coletivo para a reivindicação da língua e da cultura galegas. O seu modelo foi rapidamente secundado em muitas cidades e vilas da Galiza, bem como em capitais com numerosa população galega como Madrid, Porto ou Buenos Aires. Na I Assembleia das Irmandades – celebrada em Lugo em 1918 – estas organizações aprovaram o “Manifesto nazonalista”, documento de que parte o movimento de emancipação nacional para a Galiza.



FIG. 2. A Corunha, 1927. De esquerda para a direita, Jerónima e Elzira (filhas do presidente), Cebreiro, Villar Ponte, Machado e Osorio (Wikimedia Commons).

Machado tinha encontrado Osorio em Lisboa nos primeiros anos da década de 1910: o presidente assistira às récitas no Teatro Nacional da Escola da Arte de Representar (Dantas, 1915, p. 7) – onde Osorio estudava – e até mesmo convidara o alunado da instituição para apresentar os seus trabalhos cénicos em “serões de arte” que oferecera na sua casa. Um destes convites foi recolhido por Fernando Osorio na sua peça *Sem porta nem tranca* quando ainda era estudante dessa escola:

Era então o Bernardino
Dos ministros presidente
Quando deu um salsifré
Todo chic e todo fino
E os rapazes já se vê

Convidou cordealmente (Lemos e Osorio, 1913, p. 8-9).

Como Machado, Osorio era maçom – integrava a loja Hércules, da que ia ser secretário em 1930, e está documentada a sua exaltação ao grau 4.º. Aliás, é factível que mantivesse algum contato com coletivos maçónicos portugueses.



FIG. 3. Cartão universitário de Fernando Osorio, 1935 (arquivo familiar).

Desconhecida até datas recentes¹⁰, hoje podemos constatar a intensa colaboração de Fernando Osorio na edição e

10 Ernesto Vázquez Souza dera já alguma pista no seu texto “De cânones e cânones: Lugrís, Cebreiro e Bernardino Machado com Fernando Osório ao fundo”, publicado transitoriamente no Portal Galego da Língua <<http://www.pglingua.org/>>.

distribuição em Portugal de textos do presidente a favor da República e contra o militarismo ditatorial que governava o seu país.

O episódio mais importante desta cooperação com o movimento que comandava Bernardino Machado é o da publicação do manifesto *O Militarismo* – da autoria deste último – e a sua atribulada introdução clandestina em território luso. Osorio, juntamente com Lugrís, Cebreiro e Villar Ponte, foram “os responsáveis de que a imprensa de Leandro Carré e Ánxel Casal se atrevesse numa das mais sugestivas aventuras de colaboração com a democracia portuguesa” (Vázquez Souza, 2000b).

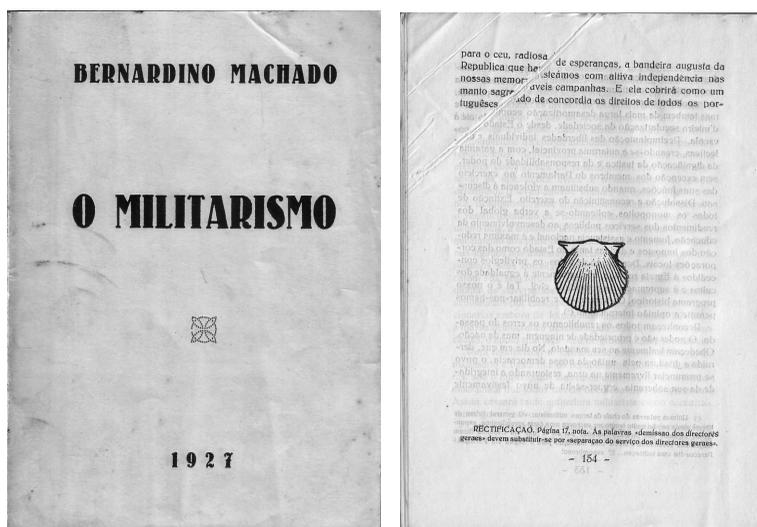


FIG. 4. Mesmo que o volume “apareceu sen pé de imprenta porque fora editado clandestinamente” (Capelán, 1999, p. 27), a concha de vieira do colofão – desenhada por Cebreiro conforme o modelo da usada por Castelaio em *O bendito San Amaro* de Cabanillas – é um indício inequívoco do local em que foi impresso.

O manifesto – um “alegato vibrante, disección histórica del sino funesto de todos os militarismos y singularmente de Portugal, que aherroja a la sazón las libertades del país vecino (Blanco Torres, 1933) – foi impresso na Editorial Lar a petição, entre outros, de Fernando Osorio:

– Recuerdo ahora – dice Casal – una tarde en que nos apareció por allí don Bernardino Machado con Villar Ponte, Cebreiro y Fernando Osorio. Quería que le editásemos su obra “O militarismo” que nadie se atrevía a imprimir. Corrimos gozosos la aventura: el libro fue impreso a espaldas de la policía e introducida toda la edición en Portugal (Casas, 1934).

Não pode ser esquecido que nessa altura o governo ditatorial espanhol exercia um férreo controle sobre a produção editorial, aplicando a censura e inspeccionando policialmente a atividade das imprensas.

Contornada a vigilância policial que impedia a edição dum manifesto deste teor, ainda restava o difícil encargo da passagem dos volumes. Para esta tarefa, serviram-se da rede de contatos que Anthero da Veiga, Carlos da Cunha e Vaz de Carvalho tinham nas vilas galegas de Tui e A Guarda, assim como nas portuguesas Caminha e Âncora.

No mês de agosto, quando Bernardino Machado já não estava mais na Corunha, o ex-cônsul Carlos da Cunha informava-o dos movimentos realizados por Fernando Osorio para introduzir os exemplares em Portugal:

Hoje foi a Vigo Osório com um caixote com o seu *Militarismo*: vai recomendado a um amigo meu de La Guardia, com quem tratei a passagem do volume entre La Guardia e Caminha, onde

deve ser entregue ao juiz Moraes Cabral. Agora mesmo tornei a escrever para La Guardia, a dispôr as coisas e a lembrar o pedido. Espero que tudo corra bem e que depressa se faça a sua passagem. O rapaz a quem encarreguei o assunto é sério, inteligente, conhece admiravelmente a fronteira e é sinceramente meu amigo. Como o Virgílio Sobral foi expulso de Vigo, perdendo-se por isso algumas ligações que ele lá tinha, achei conveniente para não se demorar mais tratar do caso por La Guardia (Arquivo de Fundação Mário Soares).

Após várias tentativas, a arriscada operação de passagem em barco foi agendada para a noite de 25 de agosto. O capitão Vaz de Carvalho referia os preparativos numa missiva endereçada a Bernardino Machado – já instalado em Cambóles-Bains (França):

Não tenho escrito a V. Excia. tão somente porque o queria fazer quando pelos menos alguns livros já estivessem em Portugal ou próximos a lá entrarem. Creia V. Excia. que não tenho descorado o assunto mas as dificuldades tem sido superiores à minha vontade. Muitos foram os processos tentados mas todos sem o resultado desejado. Finalmente consegui um que creio satisfará. Acaba de chegar de Vigo o Osorio que foi ali acompanhar uma remessa de 550 e despacha-los daquela cidade para a de La Guardia. Desta cidade saíram para o alto mar, onde passaram a um barquito de pesca que os conduzirá a Âncora e a casa do Juiz de Caminha. [...] Pareceu-me ser um meio seguro e por isso o utilizei. Contudo, aguardemos o resultados pois que já faltam poucas horas, visto que esta noite se fará a tentativa (Arquivo da Fundação Mário Soares).

Na escamoteação marítima participaram o poeta Manuel António e o jornalista Roberto Blanco Torres¹¹, quem relatou o episódio em 1933:

En La Guardia, atravesando el Miño, hemos hecho entonces en pequeños botes un cargamento de centenares de ejemplares de aquel libro, escrito en la emigración por un casi octogenario con el río combatiente de un pensamiento juvenil (Quiero recordar con lágrimas en los ojos al héroe de aquella hazaña expedicionaria, Manuel Antonio, poeta y marinero, segado en flor por esa hoz ciega y sarcástica que respeta tantas vida inútiles). En aquella otra orilla teníamos manos amigas que sembraron aquellos libros como una semilla redentora, en toda la tierra portuguesa (1933).

Com efeito, os livros chegaram à posse do juiz João de Barros Morais Cabral. Uns meses depois, Fernando Osorio lembrava ao próprio Machado o seu desempenho bem-sucedido:

Desde Agosto estou de novo na Corunha e como ao meu regresso fui louvado oficialmente pela forma como desempenhei a minha comissão lembrei-me que a notícia de tal facto, devido ao bondadoso espírito de V.^a Ex.^a lhe havia de agradecer, mas como deixei passar algum tempo sem o ter feito, depois já não me pareceu oportuno (carta de 8 de dezembro de 1927, Arquivo da Fundação Mário Soares).

11 Integrantes ambos da Irmandade Nacionalista Galega (ING), Manuel António [Pérez Sánchez] (1900-1933) concluíra estudos de náutica e Roberto Blanco Torres (1891-1936) era na altura editor-chefe do diário viguês *El Pueblo Gallego*.

As cautelas e o estilo críptico do corunhês são compreensíveis quando se considera que as comunicações podiam ser intercetadas com graves consequências para os seus autores. Ora, restava ainda mais uma encomenda: arrecadar na sua casa os exemplares que não puderam seguir para Portugal. O pedido foi feito por Vaz de Carvalho:

Meu Caro Osorio

Peço o favor de levar para sua casa os livros que não foi possível mandar e que assim ficou combinado com o Dr. Bernardino Machado. Mais peço a fineza de entregar ao Cebreiro os dois livros: “La Vuelta al mundo de um nortista” e “Por terras de Portugal y España”¹². O Dr. Sobral ha de entregar-lhe 11 pesetas que são o que resta do dinheiro que o Dr. B. M. me mandou para despesas; disso o informei (carta de 30 de setembro de 1927, Arquivo da Fundação Mário Soares).

O doutor Machado acompanhou a sorte dos volumes que não tinham transposto a fronteira e numa missiva endereçada a Álvaro Cebreiro interessava-se sobre a situação de Osorio:

Meu Prezado Amigo

Não tenho já ahí nem o Vaz de Carvalho nem o C. de Vasconcelos, que me davam noticias suas, e venho pedirh’as. Como está? D’ahí ninguém me escreve. E estou sem saber da filha do Sr. Abad Conde, a Nini, que adoecera; nem o Fernando Osorio, a quem ahí telegrafei, sôbre um assunto de meu interesse. Substrairão a minha correspondência? O Vilar Ponte, fez mitins? Diga-me de

12 Obras do escritor espanhol Vicente Blasco Ibáñez, ativo combatente anti-monárquico e antiditatorial.

todos. Tão pouco sei nada de nosso Cônsul [Anthero da Veiga]. Cordiaes votos nossos pelos Seus. E creia-me saudosamente. Todo seu, B. Machado (carta datada em Cambó-les-Baines em 6 de outubro de 1917, Busto, 2003).

Por fim, estes exemplares chegaram a Caminha em 11 de outubro, desta vez por meio de uma atribulada operação terrestre. Carlos da Cunha relatou ao presidente este novo sucesso:

Depois de dificuldades inúmeras e de inúmeros sustos – a principal e quasi única dificuldade era a excessiva vigilância desta parte da fronteira espanhola e o tamanho de um dos caixotes – passaram esta noite o Minho os livros e a estas horas já devem estar em mãos do destinatário, o Dr. Morais Cabral, juiz em Caminha, com quem hoje me avistei na fronteira. A única maneira de os fazer seguir o seu destino foi entrega-los a contrabandistas portugueses (os espanhóis negaram-se a prestar esse serviço) que tarifaram os volumes como fardos de alpargatas, pelos vistos a actual unidade da tarifa do contrabando. Creio que as despesas pouco subirão de 300 escudos. Enfim: passaram que era aquilo que importava, e já há mais tempo teriam passado se eu estivesse há mais tempo na fronteira (Arquivo da Fundação Mário Soares).

O exonerado vice-cônsul Carlos da Cunha e Vasconcelos também informou o doutor Bernardino Machado das dificuldades dessa incursão:

Sobre a remessa dos livros, como dizia na minha última carta, conseguiu-se fazê-los passar para Caminha no dia 11 deste mês.

Passaram sem novidade de maior, e fôram entregues ao juiz de Caminha, Dr. João de Barros Moraes Cabral, que reside habitualmente em Âncora. Creia, meu querido amigo, que a demóra, desde que eu vim da Corunha, foi apênas motivada pela excessiva vigi-lância da fronteira pela Guardia Civil e pela conveniência de se passarem juntos os 3 caixotes. E os caixotes tinham sido armaze-nados numa fábrica de serrar madeira, a uns 50 metros da porta da polícia no cais de embarque e do colégio de jesuítas portugueses de El Pasaje, óptimos e dirigentes polícias da Ditadura de Lisboa. Nestas condições a mais ligeira imprudência podia conduzir à sua total apreensão, como aconteceu a uma remessa da *Revolta*, que aqui foi apreendida pela polícia espanhola há mês e medio (carta de outubro de 1927, Arquivo da Fundação Mário Soares).

Após estes episódios, Fernando Osorio manteve o contato com o presidente Machado e – a despeito dos graves proble-mas de saúde da sua esposa – não hesitou em se oferecer para ulteriores incumbências.

Mas agora, em quente e sem deixar perder um só dia, permita-me V. Excia. que lhe faça perder uns minutos com a leitura da pre-sente cujo objecto aparte do consignado ao princípio é o de dizer a V. Excia que me encontro em Corunha onde me tem à sua dis-posição para quanto tenha a bem dispor (carta de 8 de dezembro de 1927, Arquivo da Fundação Mário Soares).

Para evitarem a intercetação da correspondência ende-reçada desde Portugal ao doutor Machado, as missivas dos republicanos lusos faziam escala na Corunha e outras cida-des galegas: “As cartas vão para Espanha, e de lá seguirão para França. Demóram mais, mas vão mais seguras”, relatava

Carlos da Cunha ao presidente no mês de novembro (carta de 9 de novembro de 1927, Arquivo da Fundação Mário Soares). A morada de Osorio pode ter sido uma dessas escalas.

O transvasamento de livros continuou durante meses e não devem ser excluídas outras participações de Osorio nestas tarefas clandestinas. Ainda em abril de 1930, o corunhês estava a colaborar com o presidente Machado:

Excmo. Snr.

De volta de uma comissão de serviço, encontro a sua muito prezada do dia 23 do mês passado e como já passou bastante tempo desde tal data, estou no dever que cumpre com a presente de não demorar um so dia a minha resposta. Procurei ver o Cebreiro e como o não encontrei, sabendo somente que raras vezes sae porque tem uma tia bastante doente penso ir ainda hoje ou amanhã à sua casa para porme de acordo com elle respeito a forma de enviar a V. Excia. os volumes que interessa. Assim é que amanhã ou depois voltarei a escrever a V. Excia. ainda que o faça agora para não impasientá-lo pela demora. Oportunamente recebi o folheto que teve a gentileza de enviar-me, “A Ditadura Clerical Militarista em Portugal”, que aparte do seu valor uma prova seja do espírito cívico e liberal característico de V. Excia. Por aqui esperamos os acontecimentos em uma etapa de grandes esperanças, ainda que desgraçadamente há muitíssimas dificuldades a vencer, sendo uma d’ellas este período de ditadura disfarçada de bons propósitos de restabelecer as liberdades com censura na imprensa e de rigorosa repressão ante cada acto que signifique a verdadeira opinião do pais. Com os meus respeitosos cumprimentos para a sua Excma. família e com a promessa de escrever-lhe de novo immediatamente que veja o Cebreiro fico de V. Excia. Admirador amigo e obrigado (carta de 12 de abril de 1930, Arquivo da Fundação Mário Soares).

Não podemos esquecer, também, que outro ilustre português exilado em 1930 na Galiza, Francisco Cunha Leal¹³, escreveu na Corunha vários ensaios sobre as causas do malogro da Primeira República e em 1931 publicou o volume *Ditadura, Democracia ou Comunismo? O Problema Português* na Imprensa Moret – um local de reunião para os republicanos e maçons corunheses frequentado por Fernando Osorio. Assim sendo, não podem ser desestimados outros desempenhos subsequentes do antigo diretor do CNAG no contexto da oposição democrática à ditadura militar portuguesa desses anos.



FIG. 5. Fernando Osorio – à direita, de casaco claro – com o governador civil García Lavella e Álvaro Cebreiro, entre outros, na Imprensa Moret da Corunha em fevereiro de 1933 (Arquivo particular de Elvira Varela Bao).

13 O militar Francisco Cunha Leal (1888-1970) fora presidente do Ministério, reitor da Universidade de Coimbra e vice-governador do Banco Nacional Ultramarino.

CONCLUSÕES

A correspondência do presidente Bernardino Machado conservada no Arquivo da Fundação Mário Soares (Lisboa) e no Museu Bernardino Machado (Vila Nova de Famalicão), juntamente com as notícias publicadas na imprensa galega da altura, o testemunho do jornalista Roberto Blanco Torres e os espólios europeu e americano de Fernando Osorio do Campo ajudaram a identificar este último como anfitrião e discreto colaborador na Galiza do deposto presidente da República Portuguesa durante o seu segundo exílio. Ainda, foi constatado o intenso labor clandestino de apoio a Bernardino Machado deste ator, dramaturgo, jornalista e funcionário da Câmara Municipal da Corunha – correligionário na maçonaria e fortemente comprometido com os valores republicanos e com o antimilitarismo –, particularmente na atribulada missão de custodiar na Corunha os exemplares do manifesto político *O Militarismo* e, logo depois, fazê-los passar para Portugal numa época de especial vigilância policial dum regime político espanhol solidário com a ditadura lusa.

Igualmente, foi posta a questão – ainda em aberto – da importância da maçonaria nas relações transnacionais ibéricas e apresentaram-se algumas hipóteses que podem subsidiar o conhecimento das relações intelectuais e políticas republicanas entre Portugal e a Galiza.

BIBLIOGRAFIA

- BARREIRO FERNÁNDEZ, Xosé Ramón – Prensa masónica en Galicia. In VALÍN FERNÁNDEZ, Alberto; DÍAZ MARTÍNEZ, Carlos, coord. – *Masonería universal, una forma de sociabilidad: "Familia Galega" (1814-1996)*. A Corunha: Fundación Ara Solis, 1996. pp. 157-162.
- BISCAINHO-FERNANDES, Carlos-Caetano – *Fernando Osorio do Campo. Unha vida sen treguas*. Ferrol: Embora, 2017.
- BLANCO TORRES, Roberto – Bernardino Machado en el destierro. Una conversación con el insigne repúblico. *Céltiga* (Buenos Aires). N.º 57 (10 mai. 1927) pp. 25-26.
- BLANCO TORRES, Roberto – Una fortaleza que no se rinde. *El Noroeste* (13 jun. 1933).
- BUSTO, Humberto – Epistolario portugués de Álvaro Cebreiro: Bernardino Machado. In AGRA ROMERO, María Xosé; RODRÍGUEZ RIAL, Nel, coords. – *Galiza e Portugal: identidades e fronteiras. Actas do IV Simposio Internacional Luso-Galaico de Filosofía*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2003. pp. 305-340.
- CAPELÁN, Antón – Blanco Torres e Bernardino Machado con Manuel Antonio ao fondo. *A Nosa Terra*. N.º 904 (14 Out. 1999) 26-27.
- CASAS, Álvaro de las – La Editorial Nós. *El Pueblo Gallego* (21 set. 1934).
- COSTA, António Luis Pinto da – A primeira frente de oposição à ditadura militar portuguesa: a Liga da Defesa da República ou Liga de Paris. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*. Lisboa: Universidade Nova. N.º 5 (1990). Acessível em: <<http://hdl.handle.net/10362/6691>>.
- DANTAS, Júlio – *Escola da Arte de Representar. Relatório do director (1913-1914)*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1915.
- MACHADO, Bernardino – No Día da Galiça. *El Pueblo Gallego* (24 jul. 1927) p. 3.

SOBRE PORTUGAL

PEREIRA, Dionísio – *Emigrantes, exilados e perseguidos*. Ourense: Através, 2013.

VALÍN FERNÁNDEZ, Alberto – Política, apoio mutuo e República: A masonería provincial coruñesa durante a Segunda República. In ASOCIACIÓN CULTURAL MEMORIA HISTÓRICA DEMOCRÁTICA – *A II República e a guerra civil. Actas do II Congreso da Memoria (Culleredo, decembro de 2005)*. Culleredo: Edicións Embora, 2006. pp. 39-63.

VILLAR PONTE, Antónío – El recreo de D. Bernardino. *El Pueblo Gallego* (3 jul. 1927).